

Casa Margarida

MEMÓRIAS DE UMA ARQUITETURA SENSÍVEL

Casa Margarida

MEMÓRIAS DE UMA ARQUITETURA SENSÍVEL

JÚLIA BEATRIZ ALVES LUZ
ORIENTADORA: MYRNA DE ARRUDA NASCIMENTO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
DEZEMBRO 2019

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas...”

Manoel de Barros

AGRADECIMENTOS

À Myrna, que viu beleza em minhas ideias e me trouxe calma a cada atendimento; aos meus pais, que acompanharam de pertinho essa jornada e incentivaram cada passo; à Maristela, pela ajuda na busca das fotos de família; aos 6 anjos que a FAU me trouxe, por toda palavra e gesto de apoio (que sorte ter vocês ao meu lado desde o primeiro semestre!); a cada pessoa incrível que conheci nessa faculdade, pelo carinho; ao Érick, que deu sugestões essenciais para esse trabalho; e a cada um que vibrou e se preocupou junto, mesmo sem entender muito o que eu estava fazendo...

Por fim, mas não menos importante: à Margarida e ao Walney, pelo exemplo e inspiração.

ÍNDICE

introdução	-----	9
justificativa	-----	13
fenomenologia	-----	17
álbum	-----	39
ressignificação	-----	137
processo	-----	153
lista de imagens	-----	163
bibliografia	-----	167

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a imersão teórica nos significados que uma casa pode assumir, a partir de Zumthor, Pallasmaa e Bachelard. Lembranças, reminiscências e afetividades são projetadas e discutidas tendo a casa de meus avós - Margarida e Walney - como objeto de estudo principal.

Com a vontade de estudar a arquitetura para além dela mesma, para além do funcional e da forma, busco entender as sensações, memórias, atividades e relações entre pessoas, que a arquitetura proporciona. Isso posto, creio que não haveria nada mais sensível do que estudar o tema a partir da minha relação com a casa de meus avós, lugar que frequentei desde que nasci, até meus 21 anos, e pelo qual sempre tive muito carinho.

A casa em questão sempre foi um importante ponto de encontro da minha família materna. Minha avó, Margarida, fazia questão de convidar vários membros da família, próximos ou distantes, o que tornava a casa sempre cheia. Além das grandes reuniões em datas comemorativas, pelo menos uma vez por semana eu estava lá para passar o dia, tomar um café ou só assistir televisão com a família mais próxima.

A vontade de trabalhar com este tema e este objeto de estudo partiu de dois argumentos: um grande interesse em estudar o conceito de *Atmosferas* de

Peter Zumthor, e as referências a partir das quais ele constrói o pensamento que discute a apreensão das qualidades de um lugar pelos sentidos e sensações que sua materialidade provoca, e a vontade de trabalhar com uma série de fotografias que tirei da Casa Margarida em 2017, antes da casa dos meus avós ser desativada.

Desde o primeiro semestre da faculdade, o livro *Atmosferas* (2006) de Peter Zumthor - arquiteto suíço premiado com o Prêmio Pritzker em 2009 - me chamou muito a atenção e despertou-me um diferente olhar para a arquitetura e para os espaços nela e por ela construídos. Logo após a leitura desta obra, lembro de ter visitado o Museu Iberê Camargo (2003), em Porto Alegre, obra de Álvaro Siza, onde pude ver e perceber, por experiência própria, todos os pontos dos quais Zumthor falava em sua palestra sobre as atmosferas da arquitetura, transcrita no livro. As diferentes sensações sentidas no espaço, texturas, temperaturas, a reação do corpo quando estava onde havia luz ou não, o que o edifício revelava sobre seu interior e seu entorno, tudo pareceu muito claro e repleto de sentido, ao pensar sobre o lugar a partir do conceito de “atmosfera”.

Após isto, talvez por ter de priorizar outras atividades e estudos, acabei me distanciando do tema, deixando-o adormecido na memória, ao longo dos semestres que sucederam na FAU. Mas, mesmo assim, nunca me esqueci desta leitura da arquitetura e desta experiência. Diante do meu último ano na faculdade, tendo em minhas mãos a decisão de escolher um tema para o meu TFG, esse tópico despertou de novo minha atenção, como se *“a porta de entrada para a graduação fosse a mesma da saída”*, ou melhor, como se uma questão que atraiu minha curiosidade no primeiro ano da FAU ainda estivesse adormecida e à espera de sua resposta, antes de finalizar o processo da minha formação acadêmica.

Em novembro de 2017 - ano de falecimento de minha avó -, pouco antes da Casa Margarida ser esvaziada, fui até ela com minha câmera fotográfica em mãos, com o intuito de fotografar seus espaços internos. O meu objetivo na época era somente o de guardar a memória daquela casa que frequentei por muito tempo, e que me trazia tantas boas lembranças.

Depois de pouco mais de um ano, sem nunca ter utilizado essas fotos, comecei a pensar que essa série fotográfica teria potencial para compor um trabalho e deveria ter um destino mais significativo do que somente ficar guardada em uma pasta no meu computador. E foi a partir disso que pensei em tê-la como objeto de estudo, não só para entender o conceito de atmosferas a partir desta experiência pessoal com o lugar, mas principalmente para estudar uma dimensão invisível da arquitetura que vai além da forma, da estética e do material, que envolve a memória, o sentimento e os diversos significados que seus elementos e objetos que compõem o espaço podem ter e produzir.

JUSTIFICATIVA

Ao falar sobre o estudo desta casa para alguns amigos, conhecidos, familiares, me deparei com as seguintes perguntas “Mas tinha algo de especial na casa dos seus avós?” “Pertencia a algum estilo específico?” “Tinha algo de muito diferente nela?”. Essas perguntas tentavam extrair algum sentido nessa minha escolha, um sentido sempre visual, formal ou mesmo histórico importante... E não era isso que me interessava.

Foi um pouco difícil explicar que o que me interessava não eram as formas, o pertencimento a um estilo específico, ou um elemento surpreendente encontrado na casa. Mas o que me despertava a atenção e me movia em direção a este trabalho eram as memórias, sentimentos e sensações que aquele espaço me trazia. Ao lembrar da série de fotos que fiz em 2017, me deparei com uma questão para mim mesma: por que me preocupei tanto em ir até a casa, tirar uma série de fotos do seu interior com os móveis do jeito que estavam, antes dela ser completamente esvaziada?

Algo ali me fazia querer lembrar muito bem daquela disposição, daquelas texturas, daquela luz, daquelas cores e, mais do que isso, de tudo que foi vivenciado naquele lugar. Com aquelas fotos eu tentava eternizar encontros familiares, conversas de sofá, risadas, broncas, comidas típicas, o sobe e desce da escada, a porta abrindo com os familiares entrando, os jogos, a televisão ligada, os pés apoiados na mesa de centro, o cheiro de pão

fresquinho... É, aquilo eu não poderia eternizar em fotos. Mas, de alguma forma, aquelas fotos do ambiente “vazio”, sem pessoas, desocupado, era uma tentativa de eternizar não só a visão, mas todas essas lembranças atreladas a cada pedacinho de móvel, de tecido, de decoração. Era uma forma de me despedir daquele espaço.

A arquitetura é uma arte tridimensional, porém constantemente representada em suportes planos como uma fotografia, um desenho, uma imagem codificada e técnica... Esquecemo-nos de que ela é a única arte que cria um espaço no qual podemos entrar. E isso faz com que ela desperte todos os nossos sentidos! Cada espaço criado possui uma atmosfera própria, que não pode ser traduzida simplesmente pela forma, por desenhos ou por fotografias. E é na tentativa de traduzir essa leitura sensível da arquitetura ou mesmo de apontar sua importância que faço este estudo.

FENOMENOLOGIA

Peter Zumthor, em sua palestra “Atmosferas: Espaços arquitectónicos - as coisas à minha volta”¹ realizada em 2003 em Dörentrup, na Alemanha, elenca nove aspectos que compõem o conceito de “atmosfera” na arquitetura.

O conceito de “atmosfera” de Zumthor, logo no início do livro, é descrito de forma simples:

Entro num edifício, vejo um espaço e transmite-se uma atmosfera e numa fração de segundo sinto o que é. (ZUMTHOR. 2006, p. 10)

Segundo o autor, a percepção da atmosfera na arquitetura é algo instintivo, ligado à nossa percepção emocional. Entendendo que a mais forte lembrança de um lugar, sendo este o interior de um edifício ou mesmo as ruas de uma cidade, sempre está ligada a esta esfera perceptiva, consideramos esta noção fundamental para que se decida retornar ou não àquele local.

Essa sensação, para Zumthor, seria construída a partir de um conjunto de diversos aspectos do espaço: a integração dos elementos que formam o espaço, a combinação de um material com outro, a escala do espaço em relação ao corpo humano, a temperatura que sentimos e os sons que ouvimos, todos os objetos que integram a arquitetura e estão

¹ Esta palestra foi transcrita em livro de mesmo nome em 2009 e foi a primeira bibliografia estudada para este trabalho.

ligados ao uso do espaço, o modo que a luz entra, a relação do interior com o que se vê de fora e os caminhos que o edifício nos leva a fazer.

Ao reler o livro, alguns desses aspectos me fizeram pensar diretamente em características específicas da *Casa Margarida*. Um primeiro exemplo é a combinação de materiais: a casa, principalmente a sala de estar, possuía muitos móveis em madeira escura, mas também mesclava este cenário com alguns móveis em vime e almofadas de estampas e texturas diferentes, além de diversos itens decorativos como pequenos quadros, castiçais, vasos de flores e louças.

Uma fotografia que acredito representar bem a “consonância de materiais” - expressão utilizada por Zumthor para denominar este aspecto - da sala de estar, é esta [Fig.1] em que se veem quatro diferentes texturas em primeiro plano, além de algumas outras ao fundo e também o piso. As diferentes estampas e tecidos são uma forte característica do espaço que, ao meu ver, confere a ele um ar aconchegante, de residência, de informal... Assim como os objetos em vime trazem uma característica mais artesanal e também colaboram com a sensação de aconchego, de simplicidade, além do significado de se estar diante do que lhe parece caseiro e familiar. Acredito que se todos os objetos fossem feitos de um mesmo material, se as almofadas fossem feitas em um mesmo tecido, com uma mesma cor, a atmosfera não seria a mesma. Se esta mesma cadeira fosse toda em metal por exemplo, e todas as almofadas fossem brancas e o piso também, será que produziriam essa mesma sensação agradável, de conforto, tranquilidade e proteção?

Outro aspecto muito significativo, presente na minha memória do lugar, é o “som do espaço”. Zumthor define este conceito a partir de uma experiência pessoal:



[Fig. 1] Cadeira do vô Walney, 2017.

O som do espaço - o que primeiro me vem à cabeça são os ruídos de quando era criança, os barulhos da minha mãe a trabalhar na cozinha. Estes sempre me fizeram feliz. Podia estar na sala e sabia sempre que a minha mãe estava ali atrás a bater com os tachos ou com alguma coisa assim. (ZUMTHOR. 2006, p.31)

Esta citação de Zumthor, me transportou imediatamente à memória da casa de meus avós e ao som de minha avó, sempre cozinhando, enquanto sua risada preenchia a casa; ao som da televisão sempre ligada, muitas vezes em programas musicais; à conversa entre as visitas. Essa sobreposição de sons eu só ouvi neste lugar. E a memória que tenho deste espaço foi construída em boa parte por esse aspecto.

A foto ao lado [Fig.2], apesar de ter sido tirada antes de eu nascer, representa muito bem uma lembrança que tenho da casa e da minha avó Margarida, sempre na cozinha, preparando a comida nesta mesma mesa. A geladeira ao fundo é diferente da que tenho na memória, os azulejos amarelos foram trocados por outros brancos quando eu era adolescente e a minha avó já tinha alguns anos a mais do que na foto, quando a conheci. Porém, a cena é a mesma que vivenciei por muitos anos. Ao ver a foto é como se eu pudesse ouvir Margarida explicando sobre o pão recheado que tinha passado a tarde fazendo, enquanto o colocava em outra travessa para servir na mesa da sala. Além de seus movimentos e deslocamento da cozinha para a sala, vêm à minha lembrança o tilintar dos pratos e assadeiras metálicas, que iam do armário para a mesa, da mesa para a pia, do forno para a mesa e assim por diante.

É curioso pensar como o lugar é construído por pessoas, gestos, vozes e comportamentos, objetos, hábitos e rituais, entre tantos outros dados dos quais ficamos, quase sempre alheios, quando projetamos arquitetura.



[Fig. 2] Margarida na cozinha, 1979.

Zumthor também amplia sua noção de espaço habitado, quando diz que mesmo os edifícios vazios possuem um som próprio. Acredito que sim, pois, justificando o autor, considero também “do lugar”: o passar do vento pelas janelas, o estalar da madeira ou de uma esquadria metálica. Todo sinal sonoro compõe o som do local. Porém ao me lembrar do dia em que fui à casa para fotografá-la em 2017, percebo o quanto estava diferente do que sempre vivenciei ali. Tão silenciosa se apresentava a *Casa Margarida*, que em poucos instantes nem parecia o mesmo lugar que frequentei durante tantos anos. Aquela casa que sempre esteve cheia de gente que falava alto, gente que cozinhava, ouvia música, via televisão... não combinava com todo aquele silêncio. A atmosfera já era outra.

Mais um aspecto importante no estudo da casa em questão é o que se relaciona ao que Zumthor denomina “as coisas que me rodeiam”. O autor se refere às coisas que integram a arquitetura, mas que não foram concebidas pelo arquiteto, pois são decorrentes do uso daquele espaço pelos seus habitantes. São objetos que fazem aquele local ter uma característica pessoal e o fazem parecer uma residência de fato.

Para mim estes objetos, sejam eles mobiliários, eletrodomésticos ou elementos decorativos, são muito importantes na construção de uma atmosfera. Neste trabalho me atento bastante a certos objetos e às memórias que carregam, além de seus significados que tinham na casa e os que ganharam em outro destino. Acredito que objetos sejam as melhores fontes de lembranças, quando se trata de evocar o afeto e a memória relacionados a uma casa.

Acontece-me sempre que entro em edifícios, nas salas de alguém, amigos, conhecidos ou pessoas que não conheço, ficar impressionado com as coisas que eles têm no seu espaço de habitar ou de trabalhar. E às vezes, não sei se conhecem

esta sensação, constato uma forte relação de amor e cuidado, onde algo conjuga.
(ZUMTHOR. 2006, p. 37)

Ao falar sobre a consonância dos materiais, alguns parágrafos atrás, acabei me apropriando mais destes objetos do que dos materiais arquitetônicos propriamente ditos, juntando aquele conceito a este ao associar a minha leitura à casa. Acredito que os materiais que compunham os móveis e os objetos de decoração da casa se sobrepuseram, na minha leitura do espaço, aos materiais que compunham o piso, as paredes ou janelas.

Claro que estes móveis, ao serem dispostos em um ambiente com paredes de cor clara, ou mesmo com revestimento de *fulget*, como na figura 3, são percebidos de forma diferente do que se o ambiente fosse todo de concreto aparente, por exemplo. Somente após a análise das minhas fotografias pude perceber essa forte relação, considerando que ao tirá-las, detive-me muito mais aos objetos. Deve ser ressaltado, também, que os materiais da casa são fixos, por mais que possa haver alguma renovação ou reforma, enquanto os móveis tem uma característica itinerante, podendo ser mudados com maior frequência.

Talvez essa minha relação mais forte com os móveis tenha se dado pelo fato de que, desde que conheci a *Casa Margarida*, os móveis sempre foram os mesmos, talvez com a exceção de algum elemento mais decorativo, ou da localização de algum objeto que mudou. Enquanto isso, dentro desse mesmo tempo, ocorreu uma reforma na casa que mudou o revestimento de alguns ambientes, como o piso e a parede da cozinha e também o piso da sala, sobre o qual falarei mais para frente.

Nesta foto [Fig.3] procuro mostrar um pouco mais dos objetos menos significativos em um primeiro momento, porém que, ao meu ver, representam aquela relação de amor e cuidado com o espaço e com aqueles que o utilizam, de que Zumthor nos fala.



[Fig. 3] Mesinha do telefone, 2017.

Na *Casa Margarida* havia um móvel de vime embaixo da escada onde ficava o telefone e, junto deste, havia sempre um calendário, alguns lápis, canetas e um bloco de notas. Este último já tinha sido retirado de lá quando esta foto foi tirada, mas os outros elementos estavam ainda sobre a pequena mesa, organizados, em cima de uma toalhinha xadrez bordada pela minha própria avó. Pequenos detalhes de cuidado e organização como estes estavam sempre presentes em vários ambientes da casa. E talvez somente ao ler “Atmosferas” me dei conta do quanto eles eram importantes ao formar, na minha lembrança, a imagem aconchegante e convidativa que construí deste espaço.

Outro aspecto que compõe a atmosfera do espaço é “a tensão entre interior e exterior”. Zumthor destaca a importância de pensarmos, ao projetar um espaço, o que queremos ver do exterior a partir de seu interior, além da imagem que queremos passar para quem vê aquela casa ou edifício de fora.

Na *Casa Margarida*, lembro-me muito bem da janela da sala, cujo peitoril tinha altura baixa o suficiente para se ver a cabeça das pessoas que passavam pela calçada. Isso criava uma relação com a rua muito interessante, sendo que, durante o dia, quando meus avós deixavam a janela e a cortina abertas, podiam conversar com os conhecidos que por ali passavam. Além disso, era costume deles deixar a porta da casa aberta durante o dia, principalmente nos finais de semana mais quentes, tanto para aumentar a ventilação do espaço, quanto para ter um maior contato com a rua.

Quantas vezes, enquanto eu estava na *Casa Margarida* em um sábado a tarde qualquer, alguém passou em frente à casa e chamou: –Margarida!, a partir da calçada, nos vendo na cozinha no final do corredor, através da porta escancarada! Da cozinha minha avó convidava a amiga para entrar, ou só conversava um pouco dali mesmo, falando alto, sem sair do lugar.



[Fig. 4] Fachada da Casa Margarida, 2008.

Ao falar sobre a “temperatura do espaço”, Zumthor explica que a temperatura que sentimos em um ambiente depende tanto dos materiais que o compõem quanto do nosso estado psicológico. Lembro-me que, por volta de 2010, a *Casa Margarida* passou por uma pequena reforma em que foi trocado o piso da sala e do corredor. O piso anterior era de taco e estava danificado, portanto foi retirado e, no lugar dele, foi colocado um piso cerâmico.

Lembro bem da diferença de temperatura da sala após a reforma. Parecia muito mais fria! Enquanto a madeira do taco que havia ali deixava o ambiente quente e aconchegante, o novo piso era gelado ao toque dos pés e parecia deixar todo o ambiente mais frio.

Na figura 5, de 1984, pode-se ver uma parte do piso de taco logo abaixo da televisão, além da porta sempre aberta, da qual falei anteriormente! Tanto antes quanto depois da reforma, sempre houve um tapete no meio da sala. Mas mesmo com esse artefato, a mudança de temperatura foi perceptível com a troca do piso.

Já na figura 6, de 2017, pode-se ver o piso cerâmico que foi colocado em substituição do taco. Nesse dia, o tapete que havia embaixo da mesa de centro já tinha sido retirado.

Zumthor também nos chama a atenção sobre como os nossos movimentos dentro da arquitetura são guiados pelo próprio espaço. Ele chama esse aspecto da vivência arquitetônica de “entre a serenidade e a sedução”, referindo-se ao fato de que em alguns lugares nos sentimos serenos, temos vontade de permanecer ali por um bom tempo, enquanto outros nos fazem querer ir para outro lugar, muitas vezes nos conduzindo para outro espaço no mesmo edifício, de modo a nos seduzir, levando-nos ao deslocamento.



[Fig. 5] Familiares na sala de estar, 1984.



[Fig. 6] Mesa de centro da sala de estar, 2017.

Ao abrir a porta de entrada da *Casa Margarida* se via o corredor e, no final deste, a cozinha. O modo como a abertura no final do corredor mostrava apenas uma parte da cozinha, revelando um pedaço da mesa e algumas cadeiras - e, quando a casa estava cheia, se viam as pessoas ali sentadas - seduzia quem entrava na casa em direção àquele cômodo. Não tinha como entrar na casa e não observar o que havia na mesa da cozinha ou se alguém estava ocupando aquele espaço. A fotografia ao lado [Fig.7] mostra a cena que presenciei quase todos os finais de tarde de domingo, durante anos, porém datada de 1982, tem a geladeira antiga e as cadeiras, diferentes das que conheci.

A interação entre quem estava na cozinha com quem entrava na casa era imediata, assim como o caminhar da porta em direção ao pólo de conversas e cheiro de pão fresquinho.

Outro ponto ressaltado pelo autor é a relação entre o corpo e o espaço, considerando distância, tamanho e peso das coisas, e as sensações que essas características nos trazem: é o que chama de “degraus da intimidade”.

Relaciona-se com proximidade e distância. Um arquitecto clássico diria: escala. Mas isso soa muito académico, estou a falar num sentido mais corporal de escala e de dimensão. O que abrange vários aspectos que se relacionam comigo, o tamanho, a dimensão, a escala e a massa da obra. (ZUMTHOR. 2006, p.51)

Relacionando esse sentido de escala com a *Casa Margarida*, lembro que toda a casa possuía um pé direito padrão, não muito alto (talvez 2,50m?), e que a disposição dos cômodos fazia com que tudo ficasse muito próximo, por mais que houvessem dois andares. A planta é bem articulada em um espaço compacto, seguindo o padrão de casas geminadas da rua. Isso fazia com que, por mais que alguém estivesse no andar superior, pudesse ser ouvido a partir de qualquer cômodo do andar térreo.



[Fig. 7] A cozinha vista do corredor, 1982.

Ao meu ver, essa proximidade vertical e horizontal entre os componentes da casa trazia uma sensação de aconchego e de proximidade entre as pessoas que habitavam o espaço. Sensação essa que seria diferente se a casa fosse toda térrea com seus cômodos espalhados em um terreno maior, por exemplo.

Na figura 8, tirada a partir da metade da altura da escada, podemos perceber a fácil relação entre quem está subindo ou descendo a escada da casa e quem ocupa a sala. Pode-se ver a sala de estar por completo a partir daquele ponto, além de alguns outros elementos que não aparecem na foto, como a porta de entrada, um pedaço da área de jantar e do corredor também.

Zumthor traz seu olhar para “a luz sobre as coisas”, refletindo sobre como a luz natural atua sobre o espaço, seus componentes e materiais, revelando e sombreando superfícies. Segundo o arquiteto, “o facto de o arquitecto poder dispor desta luz é mil vezes melhor do que a luz artificial” (ZUMTHOR. 2006. p. 63).

Ao pensar nesse aspecto, acredito que esta fotografia do banheiro da casa [Fig.9] revela muito dessa relação da luz com o espaço. Ali, a iluminação se dá somente pela luz natural que entra pela janela, passando por entre o tecido bordado da cortina. Pode-se perceber que a pedra cinza da bancada reflete bem a luz, quase como o espelho acima da pia. Além disso, os azulejos brancos da parede também dão continuidade ao reflexo da janela que vemos no espelho, mesmo de forma mais leve. O metal da torneira e seu registro são contornados pela luz, como se houvesse ali uma linha branca.

Por fim, exponho o primeiro aspecto mencionado por Zumthor em sua palestra: “o corpo da arquitetura”. Por mais que ele tenha iniciado sua palestra com ele, acredito que seja interessante colocá-lo após os outros oito aspectos terem sido já exemplificados, pois o vejo como uma forma de conectar todos eles.



[Fig. 8] A sala de estar vista da escada, 2017.



[Fig. 9] O banheiro do andar de cima, 2017.

Trata-se da ideia de que a arquitetura é como um corpo, que ao juntar materiais cria um espaço, como uma anatomia. E não só os materiais, aberturas, dimensões, pesos, texturas e cores compõem o espaço em sua complexidade, mas também o modo como a luz entra nele, a relação entre suas dimensões e o usuário, o modo que o espaço o conduz, a temperatura do ambiente, a relação entre interior e exterior, os objetos inseridos no local e os sons. E, além de tudo, o modo que o nosso corpo percebe todos esses aspectos - a relação do corpo da arquitetura com o corpo de quem a habita.

Em *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos* (2011) Juhani Pallasmaa expõe uma preocupação a respeito da predileção da visão em relação aos outros sentidos, para se pensar e refletir sobre a arquitetura. Ao destacar a importância do tato, olfato, paladar e audição na percepção do espaço, sua obra tem conexão com a discussão criada por Zumthor. De acordo com o arquiteto finlandês:

Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada. (PALLASMAA. 2011, p.11)

Ao expor a importância da relação do corpo com o espaço, Pallasmaa faz uma crítica à arquitetura contemporânea, que está muito centrada na visão, focando em surpreender pela forma, pela imagem criada pelo edifício. Junto a isso, o constante uso da fotografia, como principal meio de representar um lugar, estaria desvinculando a experiência física do espaço da noção de arquitetura, suprimindo o valor de todos os outros sentidos.

Neste trabalho, por mais que eu utilize a fotografia como importante recurso explicativo, creio que o modo de utilizá-la supera a mera visão, pois, justamente, procuro

mostrar que há muito por trás de cada imagem, relacionando-as a memórias ligadas a sons, cheiros, gostos e sensações táteis, além de conversas e atividades diversas.

Pallasmaa, em sua obra, exemplifica a importância de cada sentido para a percepção do espaço, reforçando que a relação corporal é inseparável da arquitetura. O tato, essencial para o entendimento da profundidade espacial, a luz, que dependendo da intensidade pode estimular mais ou menos nossa imaginação, o som como uma percepção inconsciente sobre um lugar; e, por fim, o cheiro que muitas vezes nos remete a memórias inconfundíveis de um espaço. Além disso, também nos mostra o papel essencial das atividades realizadas no espaço, como ler, cozinhar e dormir, que influenciam na estruturação da experiência do lar, muito mais do que elementos visuais.

Ao trazer para este trabalho fotografias anteriores às que tirei com a casa desocupada, tive como objetivo ilustrar as atividades realizadas naquele local, como complemento das fotos de minha autoria, em que o protagonista das imagens é o espaço em si. Nas fotografias anteriores a este ensaio, os protagonistas são as pessoas e as atividades realizadas por elas: cozinhar, conversar, dançar, comer, bordar, brincar... E por mais que algumas delas tenham sido tiradas antes mesmo de eu nascer, representam muito bem as memórias que eu tenho daquele lugar - as principais atividades realizadas ali e as reuniões familiares que perduraram.

Gaston Bachelard, em *A poética do espaço* (1993), afirma que “A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (1993, p. 62). De acordo com o filósofo, por mais que a casa seja, à primeira vista, apenas um objeto geométrico, ao ser percebida como espaço de intimidade e conforto acaba transcendendo essa imagem e adquirindo características humanas. A casa é entendida como um “estado de alma”, pois fala de uma intimidade.

No livro de Bachelard, a imagem da casa é discutida tendo como referência a literatura e a poesia, e os poetas são os responsáveis por nos fazer lembrar das nossas casas do passado:

Com que força eles provam que as casas para sempre perdidas vivem em nós! Em nós elas insistem para reviver, como se esperassem de nós um suplemento de ser.
(BACHELARD. 1993, p. 70)

Segundo o autor, quando lemos sobre uma casa, sempre acabamos associando-a a um ambiente em que tenhamos vivido. E, mais que isso, junto à lembrança desse espaço se associam as pessoas que ali habitavam. Bachelard também menciona, de modo muito sensível, os sentidos aguçados pelo ambiente da casa e também da importância das atividades realizadas no espaço para a construção da memória daquele lugar, entrando em consonância com Zumthor e Pallasmaa.

Na ordem das lembranças difíceis, muito além das geometrias do desenho, cumpre reencontrar a tonalidade da luz; depois vêm os doces aromas que permanecem nos quartos vazios, pondo um selo aéreo em cada um dos quartos da lembrança. Será possível, mais além, reconstituir não simplesmente o timbre das vozes, “a inflexão das vozes queridas que se calaram”, mas também a ressonância de todos os quartos da casa sonora? (BACHELARD. 1993, p. 74)

ÁLBUM

Para este caderno foi feita uma seleção das fotos que tirei da casa de meus avós, em 2017, junto às fotografias antigas de família encontradas em álbuns que pertenciam a eles, à minha mãe e à minha tia. A estas se juntam também outras fotos que tirei em outubro deste ano, da rua da *Casa Margarida* em um sábado de manhã: o horário da feira livre. Essa era uma cena que gostaria de eternizar e que, por ser uma atividade que acontece até hoje naquela rua, pude registrar na ocasião.

Junto às fotos inseri desenhos que fiz à partir da memória que tinha da casa. Por esse motivo, e também por terem sido feitos diretamente com caneta, sem terem sido corrigidos ou refeitos, não representam fielmente a casa. Mas eternizam cenas que não pude fotografar em 2017 e que não encontrei entre as fotos antigas. As memórias da casa começaram a se transformar em desenhos a partir de pequenos objetos ou detalhes relacionados a algumas cenas, e depois foram evoluindo para escalas menores, até abrangerem um ambiente inteiro da casa.

As fotografias foram agrupadas ao acaso, com base na memória que elas me traziam, fazendo-me recriar cenas em minha mente. Relacionei essas imagens com atividades realizadas por minha avó Margarida, pelo meu avô Walney, pelos familiares em geral, e também pelos vizinhos ou amigos de meus avós. Tendo essas cenas como

base, reproduzi algumas falas eternizadas em minha memória, escrevi poemas, textos descritivos, ou mesmo apenas uma palavra que, para mim, traduzem muito bem aquelas imagens e seu significado no contexto daquela casa, da minha memória e da minha família. Além disso, inseri também um trecho de Bachelard e uma entrevista que fiz com o fotógrafo alemão Hans Gunter Flieg, com quem meu avô trabalhou por muitos anos, e de quem ganhou uma poltrona muito especial.

Neste capítulo as imagens não possuem legenda, pois gostaria que fossem associadas somente ao texto produzido ou selecionado para dialogar com a minha memória, de forma íntima e sensível. No entanto, no final deste caderno há uma breve listagem com as descrições de cada foto, se a consulta sobre elas se tornar necessária.





1995: primeira visita







Walney e Margarida

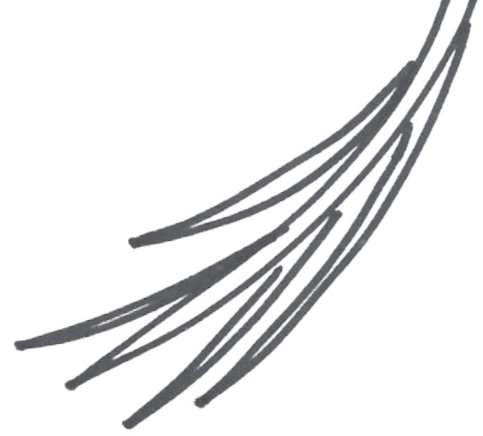










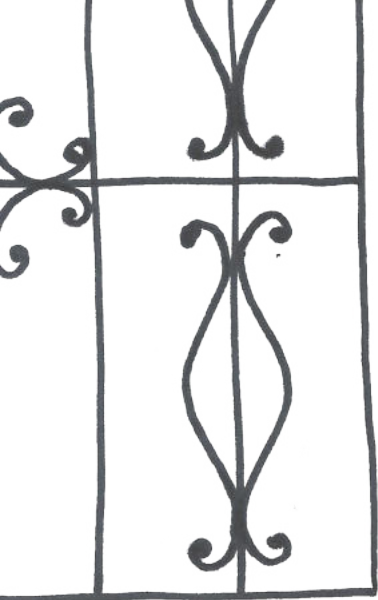


Fé



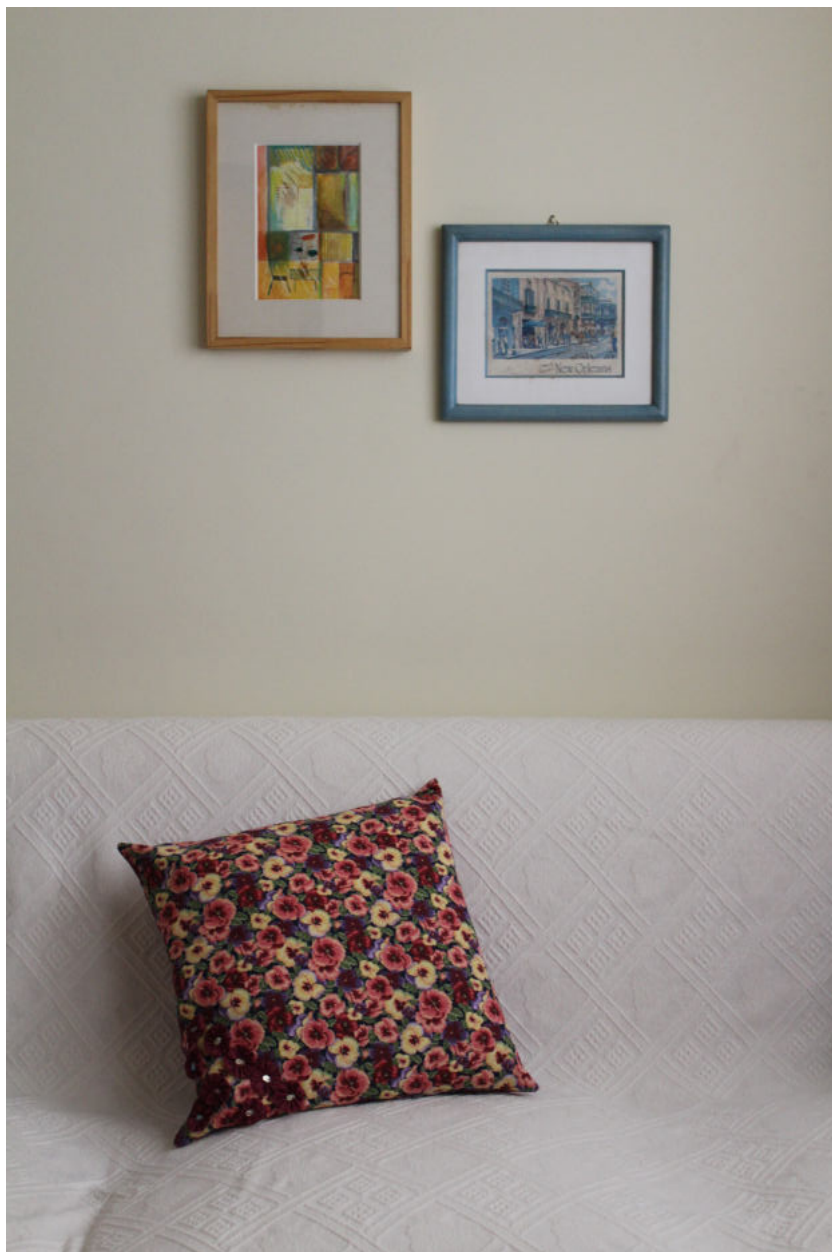






- Margarida!
- Dona Maria!
- Claudette!
- Janete!
- Assunta!









Um fuxico no canto da almofada,
Um zigue-zague bordado na toalha xadrez
E Margarida bordando mais uma vez.









– Vamos dormir que as visitas querem ir!







Reflexo meu

Reflexo seu

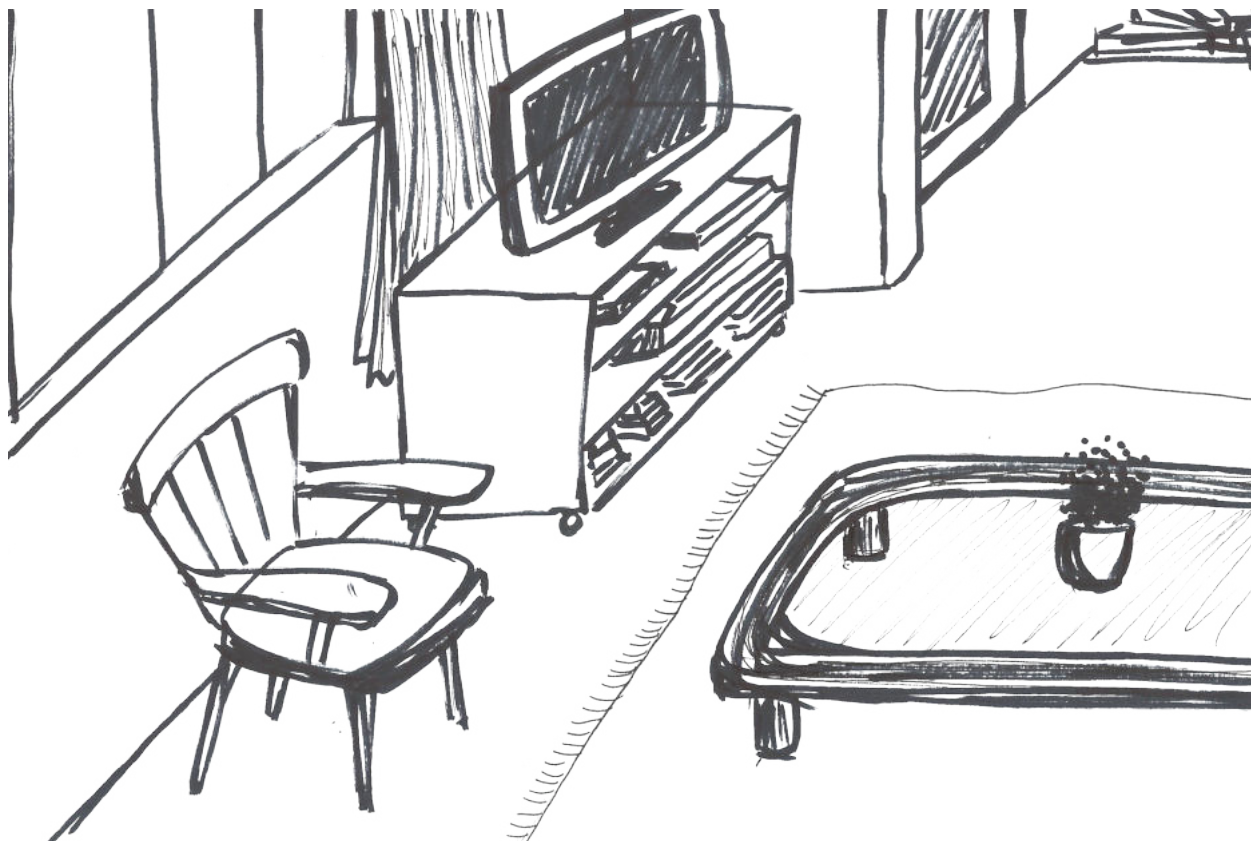
E de toda nossa família.







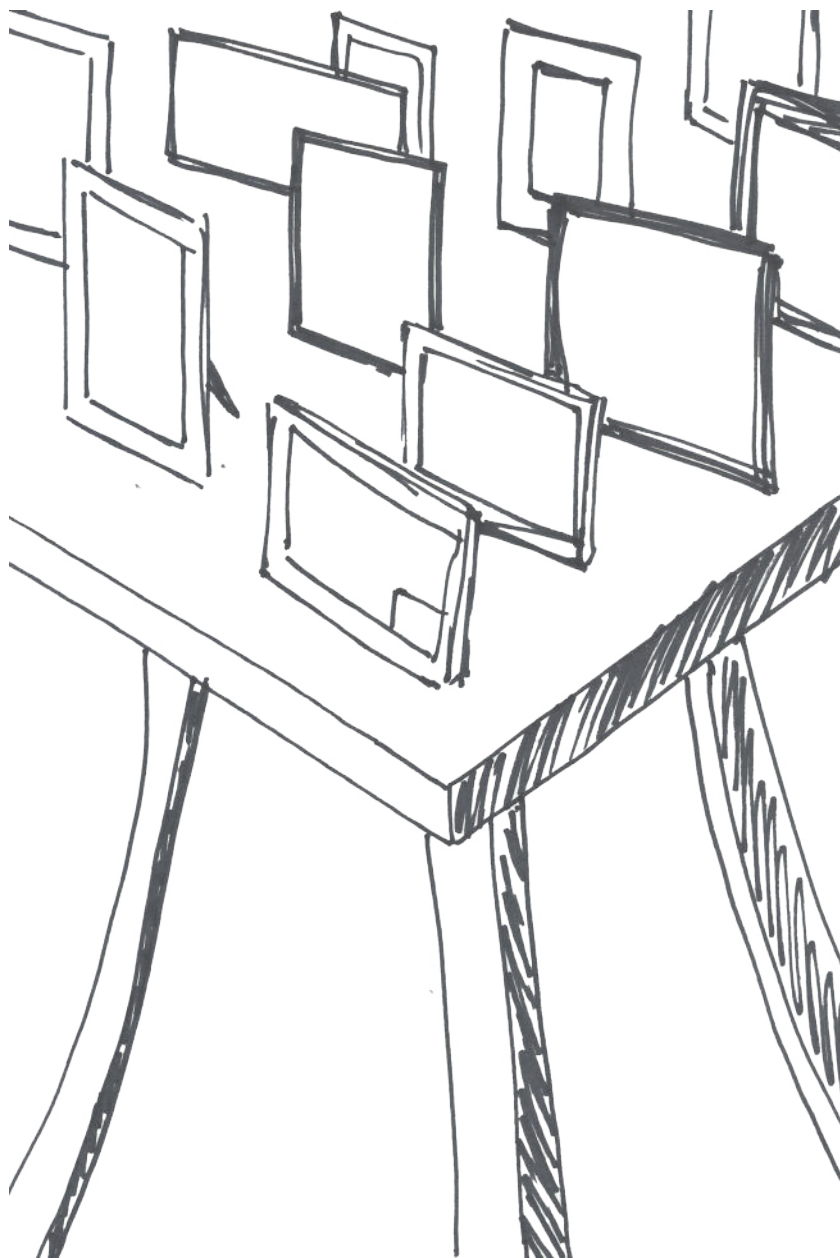
Manhã cedo, notícias no rádio
Cheiro de café recém coado
Fim de tarde, som de viola na sala
E um cantarolar com saudade do passado.



Noite de domingo







Ali ficavam todos os retratos de família.

Fotos minhas, deles e de gente que nunca conheci.

Era o cantinho da saudade.

No Natal, era palco do Papai Noel que acendia, dançava e cantava.

Junto a ele, todos os cartões de amigos e familiares.

Na verdade, sempre foi o cantinho do carinho.







A calçada, extensão da casa.

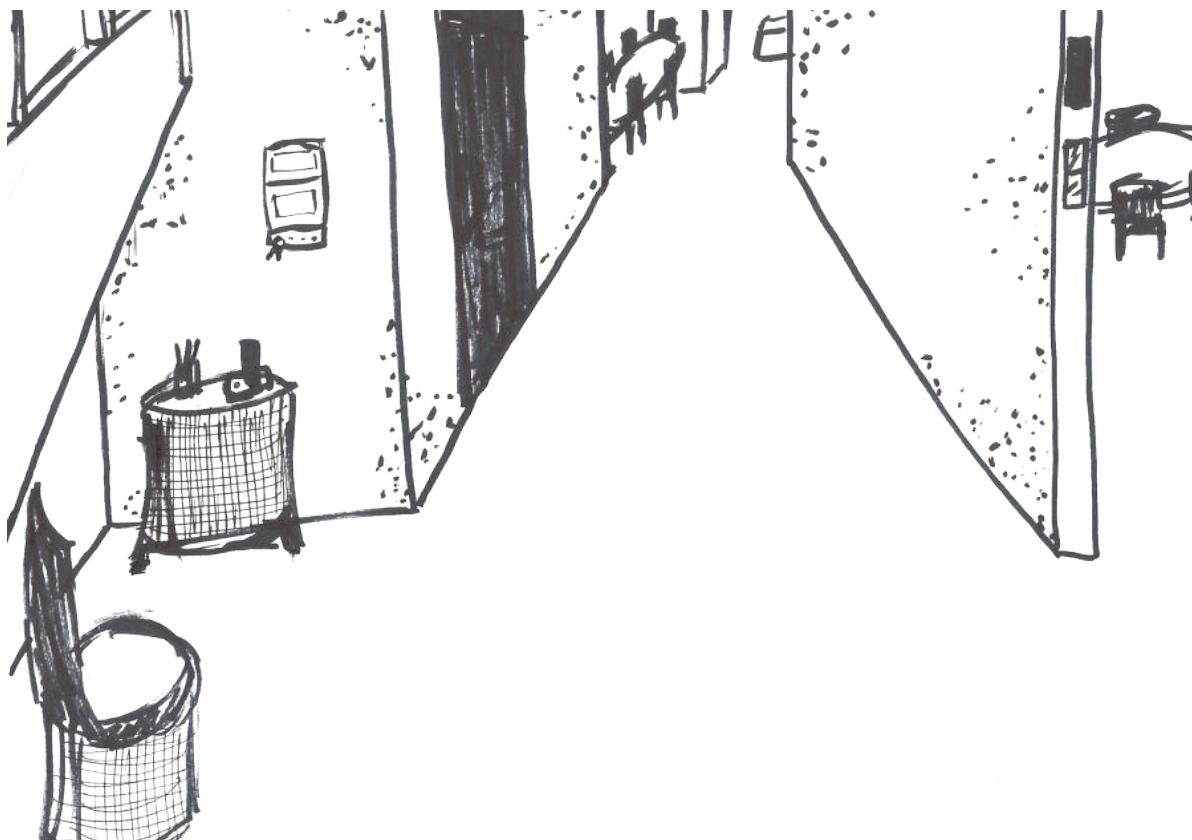
O degrau de entrada, cadeira.

Não tem mais ninguém lá dentro.

A reunião é na soleira.

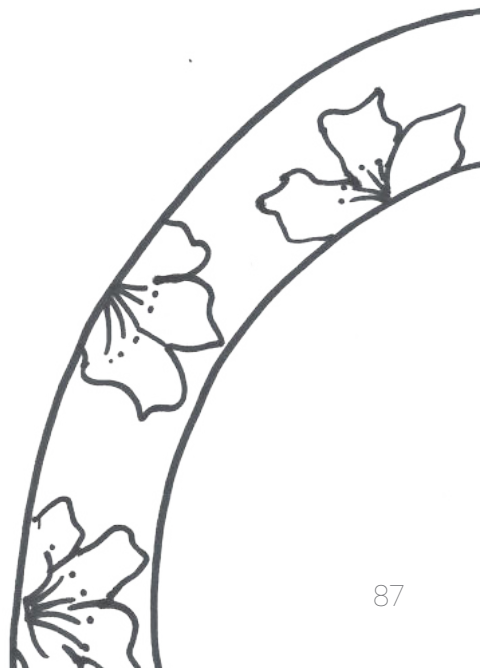






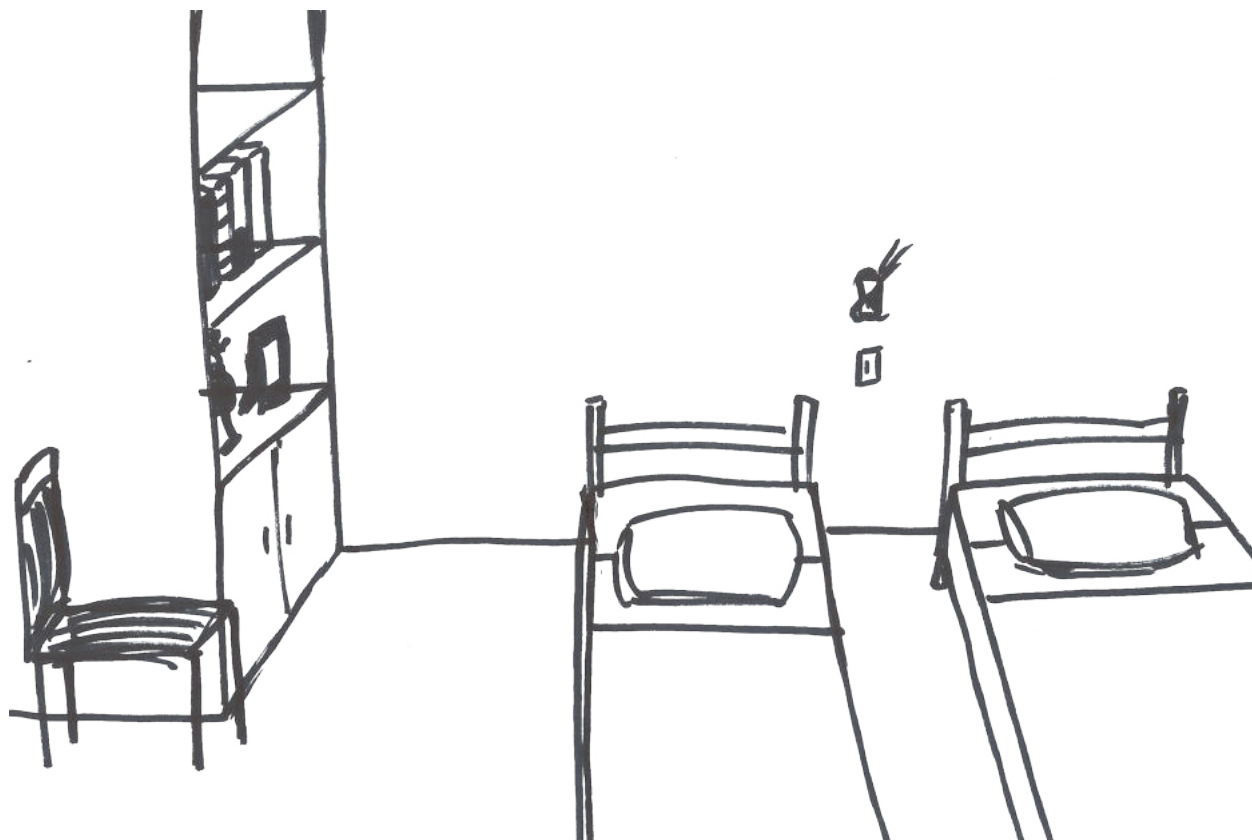
Uma noite de domingo rotineira
Abro a porta, todos na cozinha
Casa inundada por conversas e tilintar de pratos
Cheiro de pão fresquinho e chá de erva-doce

Um abraço e um beijo
Afasta a mesa pra caber mais um
Pega mais uma xícara e um prato!
Tem queijo branco









Quarto de Maria Aparecida e Maristela
Ainda há algo delas
Algun livro do colegial
E um porta-retrato especial

Ali Margarida contava histórias de ninar
Quando meus pais iam viajar
De chapeuzinho vermelho a João e Maria
Logo eu tranquilamente dormia



Após o jantar, sempre um convite para pegar uma bala ou um bombom guardados no móvel da sala.

A porta de madeira, ao ser puxada pela pequena alça de ferro ornamentada, emperrava levemente. Ao abri-la, automaticamente se sentia um aroma doce. Um misto de chocolate, café e, talvez, um cheiro de madeira mesmo.

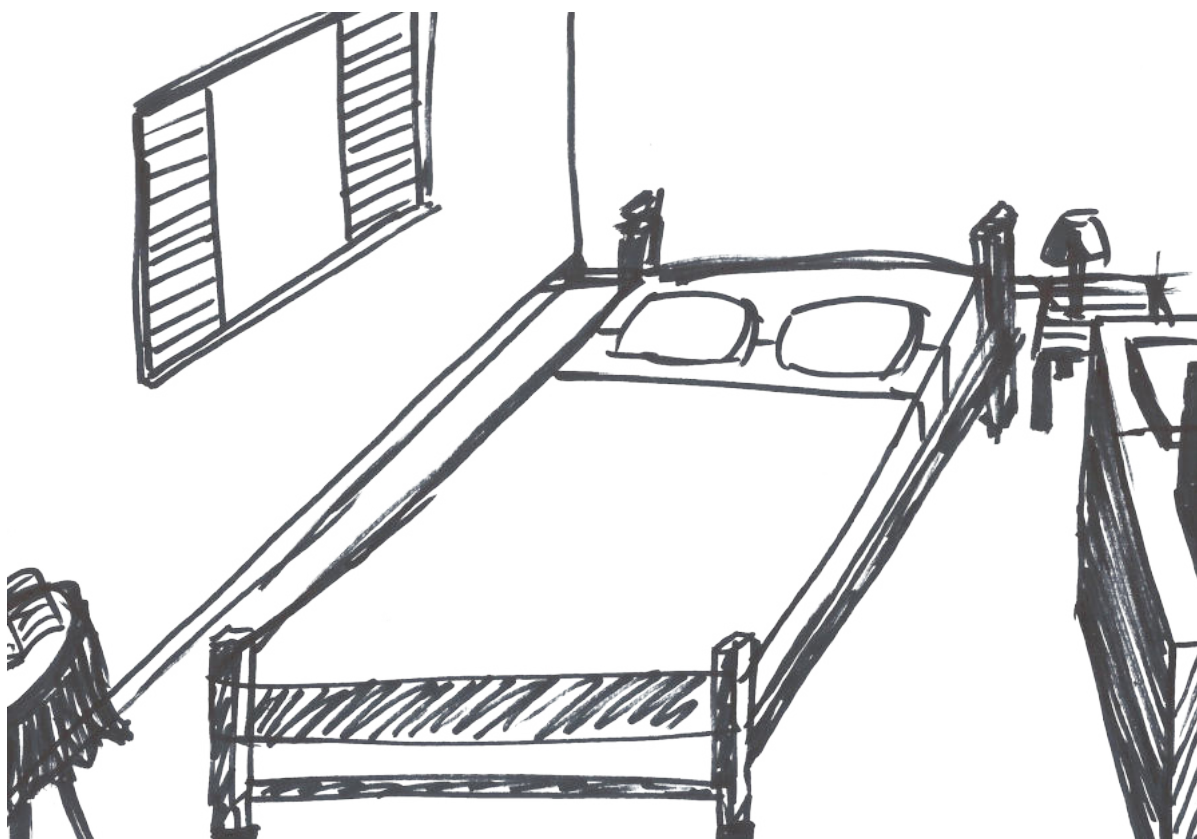
Ali estava o baleiro de vidro, em meio a delicadas taças usadas somente em ocasiões especiais e talvez alguma garrafa de vinho.

E então, após tirar a tampa com cuidado, se olhava para dentro do pote em busca de uma bala toffee recheada de chocolate.

Às vezes havia somente aquela clássica bala de café.

Tudo bem, vai essa mesmo.





O cômodo da casa menos visitado
Móveis de madeira escura
Cama, cômoda, armário, espelho...
Um telefone que quase nunca era usado
Assim como a pequena televisão
Um altar onde ficava a bíblia
E uma porta para o quintal
Que era abrigo de máquinas
De lavar roupa e de costura











Uma mesa redonda, mas não uma mesa qualquer. Ela abria no meio, revelando uma extensão que a tornava oval, criando espaço para mais pessoas. Seis lugares viravam oito, dez, doze... O máximo que desse! Ficávamos bem perto uns dos outros, meio apertados, mas estávamos todos juntos. Talvez seja o móvel que mais representa a essência da casa: sempre cabia mais um.



Abre-se a porta de vidro na cozinha

Piso de caquinho

Vermelho, amarelo, preto

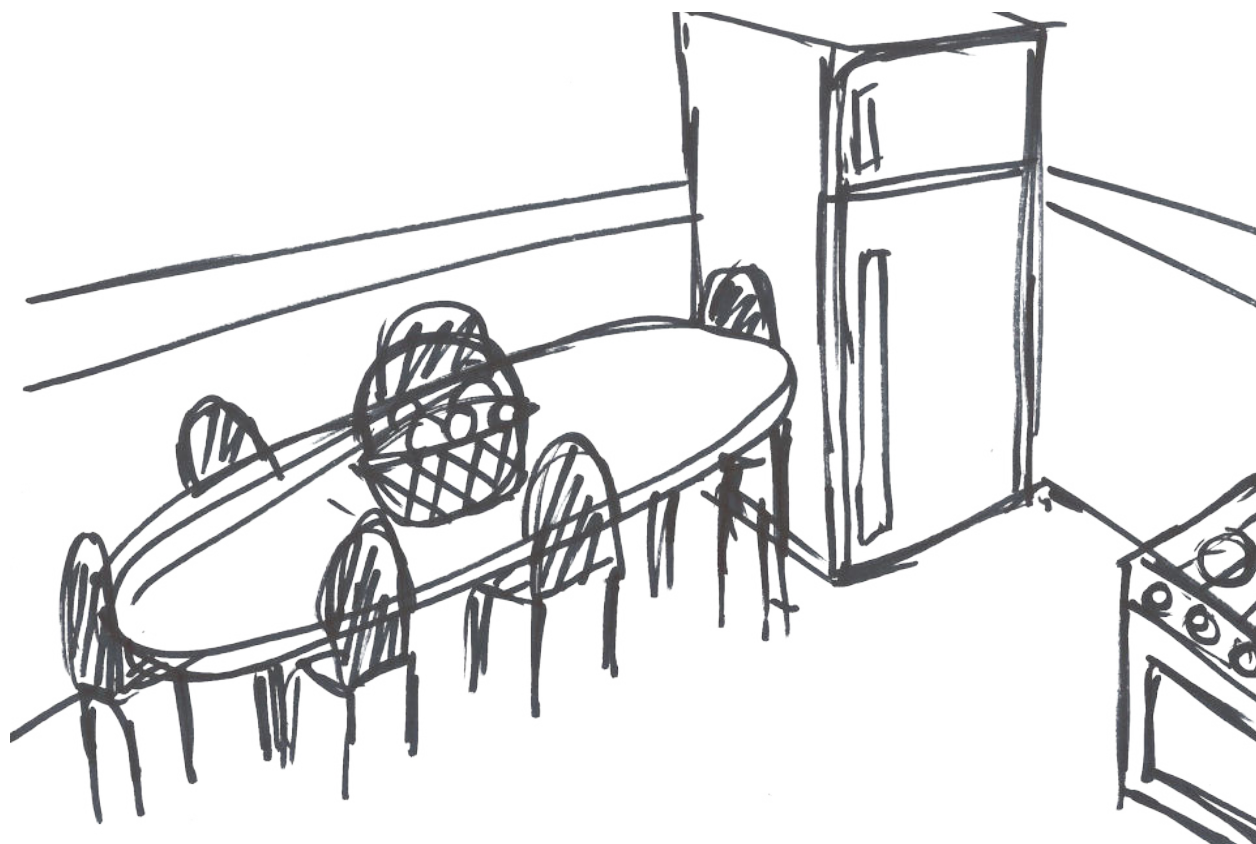
Cheiro de terra que vinha das plantas

E do sabão em pó da prateleira









Togachia

para o recheio

4 xícaras de
1/2 " de
1 xícara de
1 tablete de

mitieri de grão

Manteiga
200g

de farinha de trigo
de açúcar

recheio de manteiga ou
margarina

mercadado central
o grão passa sem
deixar goiabada mel
cravo "sogado" e cortar
tirar compridas
apertar as pontas
e assar

Crustoli

300 g goiabada.
1 colher chá mel
cravo - cozinhar tudo
antes passar as frutas
liquidificador rápido
não ficar esmagado

1/2 kilo far
6 ovos
1 pitada de
2 colheres
ou 50 gotas

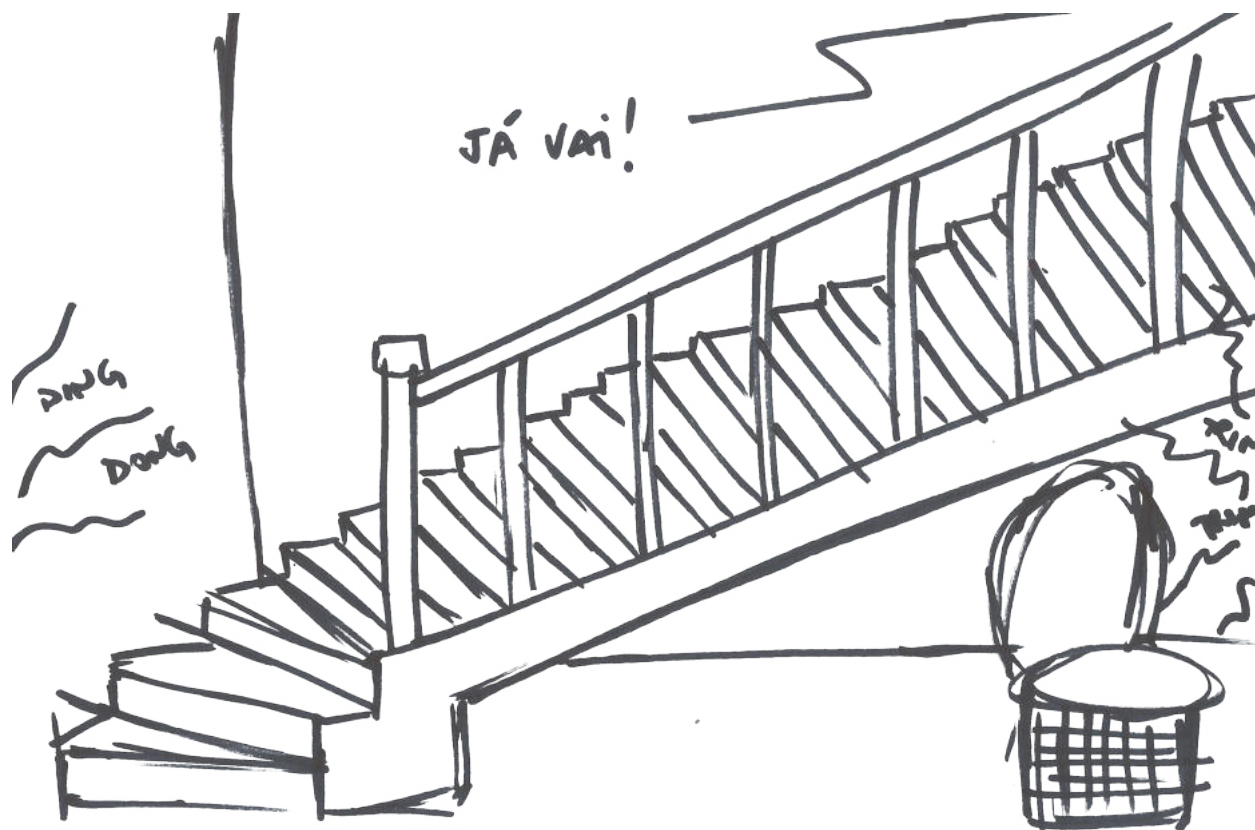
Sempre acompanhada de livros e seus cadernos de receitas, Margarida transformava a cozinha em um lugar mágico. Dalí saíam pratos especiais, doces maravilhosos, enrolados e bolos de aniversário.

Era só o Natal se aproximar que já se ouvia falar nos "crustolis". Até que, lá para o final de novembro, ao entrar na cozinha, estava em cima da mesa um grande pote metálico. Ao abrir a tampa se viam os biscoitos em formato de laço, fresquinhos e cheios de açúcar polvilhado. Acabavam tão rápido que Margarida sempre escondia uma parte - até hoje não descobri onde - para que sobrasse para o dia de Natal.



"Vocês herdaram uma cadeira que eu ganhei da minha mãe quando me mudei para a Maria Antônia. Uma cadeira... Eu não sei se é um tipo de cadeira de fazenda americana... Uma cadeira baixa... Essa cadeira me acompanhou até a Prestes Maia e quando eu fechei o estúdio seu avô a levou. É uma herança de uma cadeira na qual estive sentado, dentre outros, Jânio Quadros!"

Fotógrafo Hans Gunter Flieg, em entrevista dada em abril de 2019.



Sinfonia







O sofá pode até parecer vibrante com seu estofado laranja, quando vazio.

Mas, para mim, vibrante mesmo era quando estava cheio.

Cheio de gente, risada, calor e carinho.



Sobre a mesa da cozinha

Sempre uma grande cesta de frutas

Banana, laranja, pêra, mamão

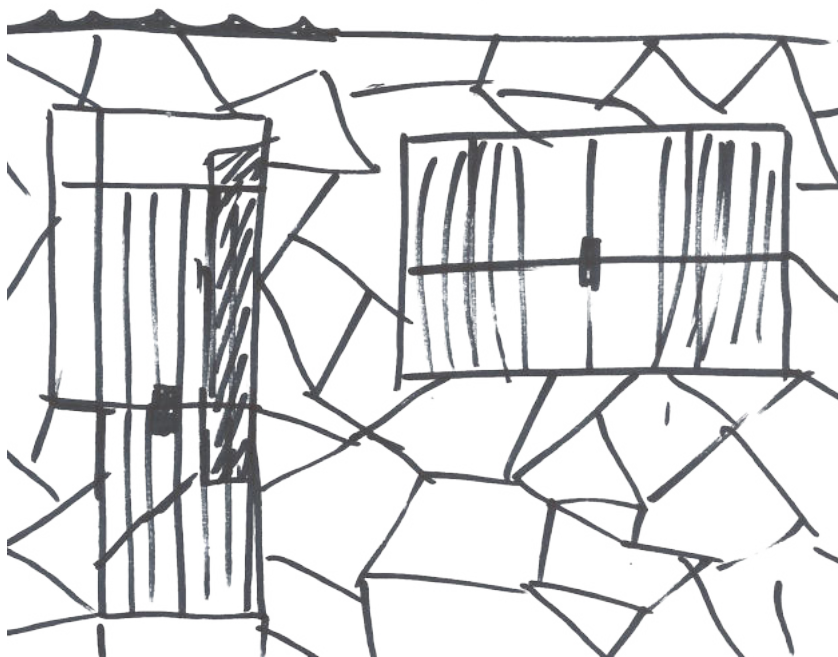
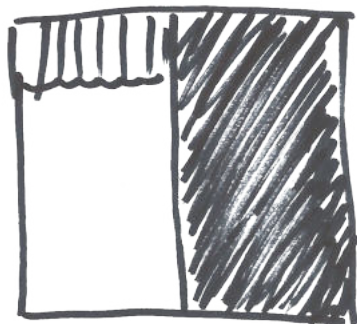
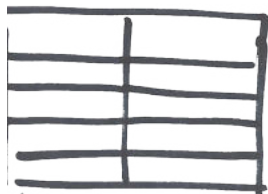
Sábado era dia de reabastecer a cesta

Lista de frutas e verduras sobre a mesa

Caligrafia impecável na mão







O portão baixinho subiu até o teto

A fachada creme se transformou em textura e cor

Era mais uma casa entre tantas, tão parecidas

Mas só esta me expressava amor







Sábado de manhã

A rua cheia de cores

Das barracas, frutas, legumes, temperos

Bom dia dona Margarida!

Meia dúzia de banana nanica e meia dúzia de prata?

Pode deixar que eu entrego na sua casa!

Se eu desse sorte de ir visitá-la nesse dia

Saía com um pastel de queijo e caldo de cana na mão

Na maior folia











No meio do Bom Retiro

Rua cheia de casas grudadinhas

Um mercado e um sapateiro

E um bar de esquina que lá tinha

Era como se todos fossem da mesma família



"Como tudo se torna concreto no mundo de uma alma quando um objeto, quando uma simples porta vem proporcionar as imagens da hesitação, da tentação, do desejo, da segurança, da livre acolhida, do respeito! Narraríamos toda nossa vida se fizéssemos a narrativa de todas as portas que já fechamos, que abrimos, de todas as portas que gostaríamos de reabrir." (BACHELARD. 1993, P. 226)

RESSIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo apresento fotografias de objetos que estavam na *Casa Margarida* e que hoje compõem ambientes na residência de familiares, amigos ou mesmo alguns compradores. Salvo o caso dos móveis vendidos e da cadeira que pode ser vista pelo Google Street View, as fotografias foram tiradas por mim, todas neste ano de 2019.

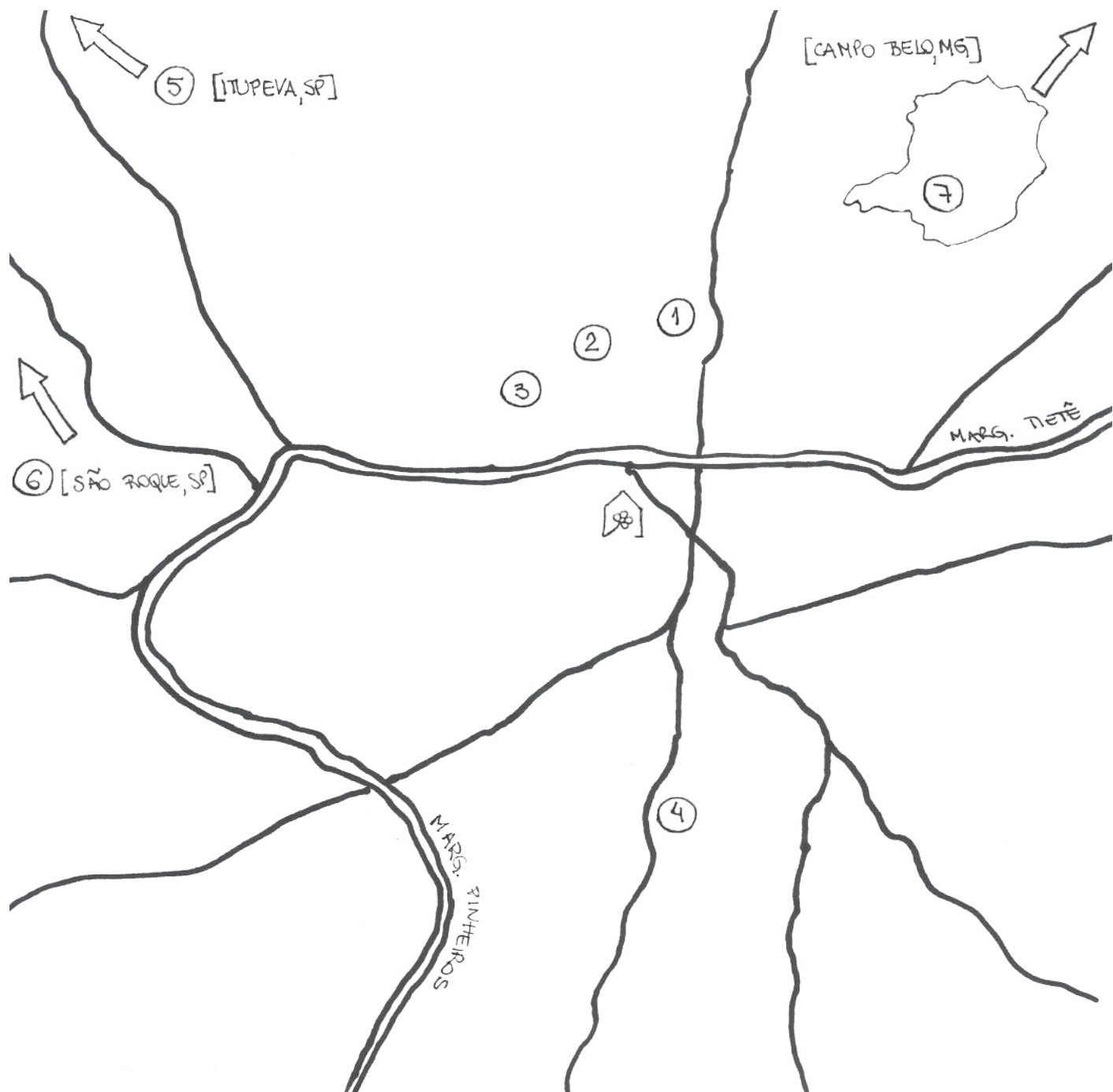
Reúno estas imagens na tentativa de mostrar como móveis tão significativos para a memória daquela casa hoje foram ressignificados, às vezes repintados, reformados, outras vezes conservados do mesmo modo, além de, em alguns casos, terem adquirido funções diferentes ou mesmo terem sido inseridos em um outro tipo de ambiente.

Junto a essas fotografias criei um mapa para localizar onde estão hoje esses elementos, que se espalharam não só pela cidade de São Paulo, mas que também foram para o interior do estado ou para Minas Gerais. E, para acompanhar o mapa, desenhos que fiz de cada um desses objetos, a partir da minha memória.

Deyan Sudjic, em *A linguagem das coisas* (2010), alerta-nos sobre como os bens que conservamos por muito tempo são uma representação do que vivenciamos ao longo da nossa vida e, em contrapartida, a relação que temos com bens novos tem muito menos significado para nós. Como já havia comentado, os móveis da *Casa Margarida* desempenharam um papel expressivo na caracterização da casa, pois permaneceram os

mesmos por décadas. Eles se tornaram muito mais do que simples objetos: tornaram-se representações das atividades realizadas naquela casa, das pessoas que ali viviam e com quem conviviam, e do carinho e afeto envolvido entre elas e delas para com esses objetos.

Os objetos são nossa maneira de medir a passagem de nossas vidas. São o que usamos para nos definir, para sinalizar quem somos, e o que não somos. (SUDJIC. 2010, p.21)

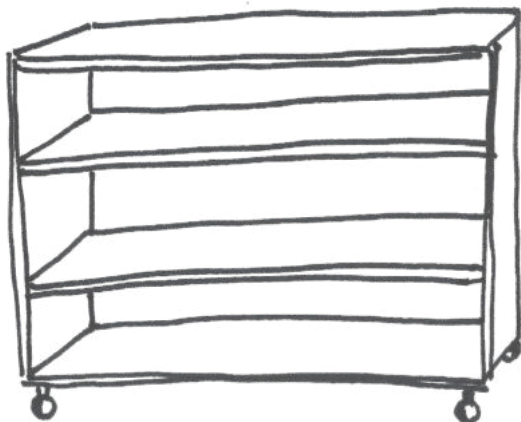




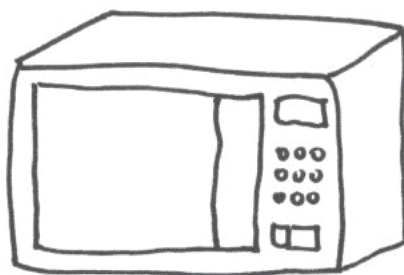
1



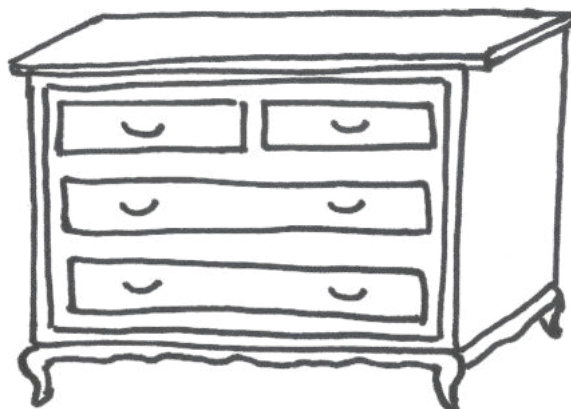
2



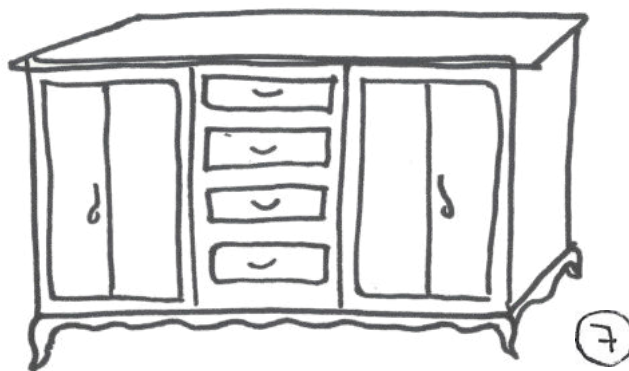
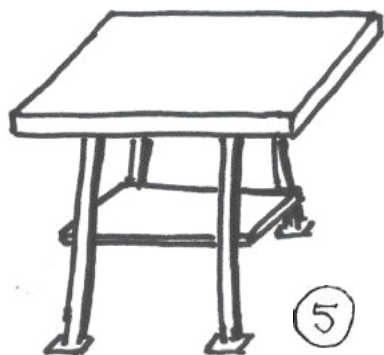
3



4



5





Quadro que ficava na sala de estar, hoje em Santana. 2019.



Antiga cadeira do vô Walney, hoje no Jardim São Bento. Imagem do Google Street View. 2018.



Antigo rack de televisão, hoje na Casa Verde. 2019.



Microondas, hoje na Vila Mariana. 2019.



Antiga cômoda do quarto do casal, hoje em Itupeva - SP. 2019.



Antiga mesinha de porta-retratos, hoje em Itupeva - SP. 2019.



Cadeira - presente de Flieg, hoje em Itupeva - SP. 2019.



Floreira que ficava na sala de jantar, hoje em Itupeva - SP. 2019.



Mesa de jantar, hoje em São Roque - SP.
Fotografia de autoria do comprador. 2019.

PROCESSO

Para conseguir estudar com atenção as fotografias que eu tinha, primeiramente fiz uma pré-seleção das fotos tiradas em 2017, deixando de lado somente algumas cenas repetidas. Imprimi as 86 fotografias, junto das 59 selecionadas a partir de álbuns de família, cada uma com tamanho de 6cm x 9cm aproximadamente, em papel couchê. Espalhei todas elas pela mesa da sala e, somente assim, podendo ver todas ao mesmo tempo, pude chegar a algumas associações que foram organizando os grupos apresentados neste caderno.

À medida que ia agrupando algumas imagens, mesclando as mais antigas com as mais recentes, fui escrevendo - nos retalhos do papel em que foram recortadas as fotos -, palavras, frases, falas, textos, poemas que vinham da minha memória associada àquelas fotografias.

Em paralelo a esse processo, percebi que algumas cenas da casa, muito marcadas em minha memória, não haviam sido representadas em nenhuma daquelas 145 fotografias. E não só isso, percebi também certos detalhes descritos por mim nos textos que também não estavam lá. Foi assim que começaram a surgir os desenhos.

Comecei representando detalhes, como o prato de sobremesa com borda florida, a bala de café que sempre estava presente no buffet da sala, e o raminho do Domingo

de Ramos – desenho inspirado pelas próprias fotos, já que, neste processo de análise, percebi que ele estava presente em diversos cantos da casa. Depois, o exercício de desenho evoluiu para a representação dos ambientes de acordo com o que minha memória havia guardado. Novos ângulos da área de serviço, dos quartos, da entrada da casa e da mesinha de porta retratos - que não apareciam nas fotos - foram eternizados nas ilustrações, para que não permanecessem silenciados somente em minha memória.











UM FUXICO PREGADO NO CANTO DA ALMOFADA,
UM ZIGUE-ZAGUE BORDADO NA TOALHA XADREZ
E MARGARIDA BORDANDO MAIS UMA VEZ





LISTA DE IMAGENS

- p. 41 - Desenho da porta de entrada. 2019.
- p. 42 - Eu no colo de minha mãe na entrada da casa. 1995.
- p. 44 - Troféu de bocha de Walney. 2017.
- p. 45 - Óculos e leque de Margarida. 2017.
- p. 46 - Cadeiras de Walney e Margarida. 2017.
- p. 48 - Crucifixo com raminho. 2017.
- p. 49 - Bíblia em pequeno altar. 2017.
- p. 50 - Enciclopédias e Nossa Senhora Aparecida. 2017.
- p. 51 - Nossa Senhora e raminho. 2017.
- p. 52 - Espírito Santo e Nossa Senhora com raminho. 2017.
- p. 53 - Desenho do ramo de Domingo de Ramos. 2019.
- p. 54 - Janela da sala. 2017.
- p. 55 - Janela do quarto da frente. 2017.
- p. 56 - Janela do banheiro. 2017.
- p. 57 - Desenho dos detalhes das janelas. 2019.
- p. 58 - Almofada com aplique de fuxico. 2017.
- p. 59 - Mesinha do telefone. 2017.
- p. 60 - Margarida bordando. 2008.
- p. 61 - Desenho da mesa com os itens de bordado. 2019.
- p. 62 - Walney na sala de estar. 1982.
- p. 63 - Escada e poltrona de Walney. 2017.
- p. 64 - Escada. 2017.
- p. 66 - Espelho do lavabo. 2017.
- p. 67 - Espelho do quarto do casal. 2017.
- p. 68 - Desenho do espelho da sala. 2019.
- p. 70 - Rádio. 2017.
- p. 71 - Rádio com toca CD. 2017.

p. 72 - Margarida e a vitrola. 1995.
p. 74 - Desenho da sala vista do sofá. 2019.
p. 76 - Mesinha com luminária. 2017.
p. 77 - Mesinha com Papai Noel e cartões. 1998.
p. 78 - Desenho da mesinha com porta-retratos. 2019.
p. 80 - Andando de bicicleta na calçada. 1999.
p. 81 - Eu e Nathan no degrau de entrada. 1997.
p. 82 - Eu, meu avô, tio e primos. 1999.
p.84 - Corredor. 2017.
p. 85 - Familiares reunidos na cozinha. 1984.
p. 86 - Desenho do corredor. 2019.
p. 87 - Desenho do prato decorado. 2019.
p. 88 - Estante do quarto da frente. 2017.
p. 89 - Porta-retrato. 2017.
p. 90 - Desenho do quarto da frente. 2019.
p. 92 - Pote de balas. 2017.
p. 93 - Desenho da bala de café. 2019.
p. 94 - Desenho do quarto do casal. 2019.
p. 96 - Reunião familiar. 1984.
p. 97 - Reunião familiar. 1981.
p. 98 - Reunião familiar. 1991.
p. 99 - Natal. 2001.
p. 100 - Mesa de jantar. 2017.
p. 102 - Desenho da área de serviço. 2019.
p. 104 - Margarida cozinhando. 1978.
p. 105 - Margarida e Maria Aparecida na cozinha. 1998.
p. 106 - Cozinha. 2017.
p. 107 - Desenho da cozinha. 2019.
p. 108 - Trechos dos cadernos de receitas de Margarida. 2019.
p. 110 - Poltrona perto da janela. 2017.
p. 112 - Desenho da escada. 2019.
p. 114 - Natal. 1998.
p. 115 - Natal. 1999.

- p. 116 - Sofá. 2017.
- p. 118 - Desenho da cesta de frutas. 2019.
- p. 120 - Tio-avô em frente à casa. 1981.
- p. 121 - Fachada da casa. 2008.
- p. 122 - Desenho da fachada. 2019.
- p. 124 - Feira livre no Bom Retiro. 2019.
- p. 125 - A casa e a feira. 2019.
- p. 126 - Caixotes de feira e a casa. 2019.
- p. 128 - Rua da casa. 2019.
- p. 129 - Esquina. 2019.
- p. 130 - Mercado. 2019.
- p. 131 - Sapateiro. 2019.
- p. 132 - Bar. 2019.
- p. 134 - Pai no degrau de entrada da casa. 1999.

Todos os desenhos, assim como as fotografias de 2017 e 2019 são de minha autoria.
As demais fotografias são de autoria de Walney ou, eventualmente, de outro familiar.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Mauro Restiffe: álbum. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2017. (Catálogo de exposição)

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SUDJIC, Deyan. **A Linguagem das Coisas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas: entornos arquitectónicos, as coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

